

Representações Sociais de Crianças Negras Sobre a Cor em Relações Raciais do Contexto Escolar em Bragança, Pará, Brasil

Social Representation of Black Children about the Color and Racial Relationship at School Context in Bragança, Pará, Brazil

Antonio Matheus do Rosário Corrêa^{*a}; Raquel Amorim dos Santos^a

^aUniversidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguagens e Saberes da Amazônia. PA, Brasil.

*E-mail: matheus.correa112@gmail.com

Resumo

As crianças negras comunicam na escola uma gama de informações, sentidos e comportamentos perante a noção de cor, com base em interações com outras crianças, em grupos sociais que participam e contato com objetos culturais que possibilitam a construção de representações sociais, os quais contribuem com sua formação social e racial. Desse modo, tem-se como questão problema de investigação científica: quais as representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele em relações raciais desenvolvidas em contexto escolar? Esta pesquisa possui como objetivo geral investigar as representações sociais de crianças negras sobre a cor em relações raciais do contexto escolar. O percurso metodológico parte da abordagem qualitativa, com aplicação de observação participante e realização de diálogos com 17 crianças em uma escola pública municipal de Bragança (PA), sendo utilizadas a Teoria das Representações Sociais e os Gêneros do Discurso para análise. As crianças negras comunicam, em enunciados discursivos, representações sociais negativas sobre a cor, em vivências que envolvem discriminações e estereótipos raciais, nos quais influenciam as identidades e relações raciais na Escola Básica. Logo, a problematização do racismo contribui para a promoção de práticas antirracistas e socializações profícuas das crianças negras.

Palavras-chave: Infâncias Negras. Teoria das Representações Sociais. Espaço Escolar.

Abstract

Black children communicate at school a range of information, meanings and behaviors regarding the notion of color; based on interactions with other children, in social groups that participate and contact with cultural objects that enable the construction of social representations, which contribute to their social and racial background. Thus, the question of scientific investigation is: what are the social representations of black children about skin color in racial relations developed in a school context? This work aims to inquiry into the social representations of black children in the school context, about their colors into the racial relationships. The methodological way is the qualitative, that applied observation and conversation with 17 children at public education at Bragança, Pará, Brazil. This research uses the Social Representation Theory and The Discourse Genre. The black children have been communicated, during the discourses, about negative social representation about color-related racial discrimination and stereotyping, this influence in their identities and racial relations in the basic education. Racism contributes to improving anti-racism programs and the real socialization of black children.

Keywords: Black Childhoods. Theory of Social Representations. School Space.

1 Introdução

A pesquisa teve como objeto de estudo as representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele em relações raciais tecidas em contexto escolar no município de Bragança (PA). Desse modo, as crianças negras produzem uma gama de informações, sentidos e comportamentos perante a noção de cor, com base em interações com outras crianças, em grupos sociais que participam e contato com objetos de representação, os quais contribuem com sua formação social e racial.

Aqui, as crianças negras são compreendidas a partir de Fazzi (2006), na qual aponta a importância desse grupo social na produção e partilha de relações raciais na escola, onde emergem situações de conflito causadas pelo racismo, bem como enfrentamento por meio de práticas antirracistas, constituindo identidades, culturas, categorizações raciais,

entre outros. O contexto escolar possibilita a visualização das representações sociais das crianças negras sobre a cor, que evidencia imagens e atitudes de outros espaços sociais, como o ambiente familiar, os diálogos coletivos, entre outros inerentes as suas infâncias e relações raciais.

As relações raciais se apresentam nas “[...] construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico” (GOMES, 2005, p.49), as quais entrelaçam experiências e vivências dos sujeitos na dinâmica social individual e coletiva, considerando as interações e as noções raciais no cotidiano escolar a respeito da cor.

O cotidiano escolar, como um dos cotidianos que perfazem a vida das crianças, pode ser considerado como um momento relevante para visualização, problematização e ressignificação das representações sociais sobre a cor em relações raciais,

com aprendizado contínuo, fundamentado na reflexão e partilha de saberes e culturas. De acordo com Alves (2003), no cotidiano aprendemos com o outro, refletimos nossos espaços enquanto artefatos da sociedade, nos quais podemos influenciar consideravelmente os cotidianos dos contextos que participamos.

Guimarães (2011) apresenta que os conceitos de cor e cor da pele podem compor o mesmo contexto ideológico e político, na luta antirracista ou na impostura racista, bem como marcador para um discurso de sentimento de pertencimento comunitário. Assim, certo “uso social” da cor não só leva a terminologia a se tornar subjetiva como torna o seu uso (em conversas, documentos oficiais, certidão de nascimento/óbito, ou na vida privada) objeto de disputa (SCHWARCZ, 2012; SANTOS, 2014).

O contexto escolar é um espaço privilegiado para investigação das representações sociais das crianças negras, pelo encontro de representações e discursividades sobre noções de cor de pele constituídas nas relações raciais. Assim, elaboramos como questão problema: quais as representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele em relações raciais desenvolvidas em contexto escolar?

Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral investigar as representações sociais de crianças negras sobre a cor em relações raciais do contexto escolar. Quanto aos objetivos específicos, temos: a) identificar as imagens e sentidos sobre a cor manifestadas nas representações sociais de crianças negras; b) analisar as representações sociais de crianças negras sobre a cor em relações raciais desenvolvidas em contexto escolar; c) destacar ancoragem e objetivação compartilhadas pelas crianças a respeito da noção de cor da pele na Escola Básica.

Destaca-se que o estudo parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia intitulado *Representações sociais de crianças negras sobre a cor no contexto escolar em Bragança-PA*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Raquel Amorim dos Santos e colaboração de estudos e diálogos referentes as crianças negras no Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Pará (NEAB/UFPA).

2 Material e Métodos

A pesquisa se configura pela abordagem qualitativa, definida por Minayo (2002) como perspectiva dedicada ao estudo de significados, motivos, atitudes, entre outros, correspondentes aos espaços mais profundos das relações e fenômenos sociais. Nesse sentido, as representações sociais sobre a cor se apresentam nas relações raciais no contexto escolar, sendo fenômeno e espaço e comunicação de sentidos, significados, comportamentos e discursos pelas crianças.

Os critérios para escolha do lócus de estudo foram: (a) ofertar o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano; (b) ter receptividade da comunidade escolar e das crianças para

realização do estudo. Desse modo, foi escolhida uma escola da rede municipal de ensino, que oferta os níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental do município de Bragança, Estado do Pará, além de estar localizada em uma região de transição entre as regiões urbana e do campo, marcada pelo fluxo migratório intenso de habitantes de comunidades campestres, assim como trânsito intenso para o centro da cidade.

No campo de conhecimento das relações raciais, a escola realizou o projeto *Tambores Negroides da Marujada*, no ano de 2014, por meio do Programa Mais Cultura nas Escolas, que busca o reconhecimento e promoção da escola como espaço de circulação e produção de culturas no que tange a diversidade brasileira, de modo a valorizar diálogos entre saberes comunitários e escolares (BRASIL, 2014). Na oportunidade, a comunidade escolar pode construir instrumentos musicais de percussão, como tambores, além de vivenciarem elementos da ancestralidade e cultura afro-brasileira na Amazônia bragantina, disposta na Marujada e na Festividade de São Benedito no município de Bragança (PA).

A respeito dos critérios para escolha dos sujeitos, elencamos: (a) frequentar regularmente as aulas na unidade escolar; (b) cursar o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano); (c) estar na faixa etária de sete a nove anos; (d) ter permissão dos responsáveis legais para participação da pesquisa. Assim, participaram do estudo 17 crianças, sendo 12 do sexo feminino e cinco do sexo masculino, integrantes de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental.

Quadro 1 – Dados dos sujeitos da pesquisa

Nº	Identificação	Idade	Gênero (M/F)	Autocategorização Racial
01	Rayla	8 anos	Feminino	Morena
02	Victória	8 anos	Feminino	Morena
03	Suany	9 anos	Feminino	Morena
04	Aline	8 anos	Feminino	Marrom escuro
05	Felipe	9 anos	Masculino	Branco
06	Sérgio	9 anos	Masculino	Branco
07	Bia	8 anos	Feminino	Morena
08	Larisa	7 anos	Feminino	Preta
09	Marcos	7 anos	Masculino	Preto
10	Géssica	7 anos	Feminino	Morena
11	Rafael	8 anos	Masculino	Meio que preto
12	Ketlen	7 anos	Feminino	Cor de pele (não especificou)
13	Douglas	8 anos	Masculino	Cor de pele (especificou a cor branca)
14	Raquel	7 anos	Feminino	Branca
15	Ana Clara	7 anos	Feminino	Preta
16	Milena	8 anos	Feminino	Cor de pele (especificou a cor branca)
17	Fernanda	8 anos	Feminino	Morena

Fonte: dados da pesquisa.

O levantamento por meio de questionário permitiu traçar

um perfil racial do grupo com base na autocategorização racial delineada por Fazzi (2006) pelo modo que o sujeito se percebe e classifica em alguma categoria racial, por meio da consciência racial elaborada em suas relações sociais, culturais e cotidianas. Salienta-se que a identificação por nome foi realizada pelas próprias crianças, bem como autocategorização racial, em questionário aplicado em 10 de novembro de 2018.

Optou-se pela observação por possibilitar o encontro de comportamentos e atitudes sobre a cor na interação das crianças na escola. Para Moscovici (2015) é na convivência cultural do grupo que observamos as imagens, ideias e linguagens compartilhadas, constituindo cânones entre o familiar e não familiar, significações e imagens acerca do objeto de representação.

Esse período ocorreu em sessões de observação com duração de cinco horas diárias que totalizaram 50 horas de convivência com as crianças, pelas quais se verificou a socialização em sala de aula e nos espaços formativos da escola durante o turno da manhã. Para registrar os elementos concernentes à noção de cor de pele se utilizou Diário de Campo em que eram registrados os comportamentos, atitudes e diálogos das crianças em situações de aprendizagem, interação social e no momento do recreio para observarmos seus reflexos na sala de aula.

A observação se define pelo contato do pesquisador com o fenômeno, para obter informações e conhecimentos acerca da realidade dos sujeitos em seu próprio contexto (CRUZ NETO, 2002). Adentrar o ambiente dos sujeitos revela as relações raciais que são construídas nos meios que participam ativamente, em uma atividade dinâmica da construção de si e do outro. Assim, as etapas de análise da observação foram: (a) identificação de elementos cotidianos que fazem referência à cor da pele; (b) verificação das ancoragens e objetivações nas relações raciais das crianças; (c) categorização a partir da tridimensionalidade informação, imagem, atitude; d) análise a luz de referenciais teóricos dos achados de pesquisa.

Com base nas discussões teóricas de Moscovici (1978), buscou-se delinear as representações sociais a partir da tridimensionalidade: informação, imagem e atitude. Nesse sentido, a informação consiste no conjunto de saberes e conhecimentos do senso comum sobre determinado objeto (percepção sobre a cor da pele); a imagem diz respeito aos sentidos e significados sobre algo ou alguém (sentidos sobre a cor a partir das relações raciais); a atitude se refere aos comportamentos e práticas compartilhadas nos grupos sociais (práticas sociais baseadas em noções sobre a cor da pele nas relações raciais).

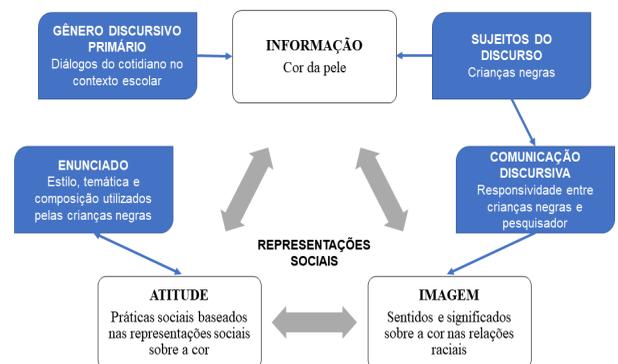
Para além da tridimensionalidade das representações sociais (MOSCOVICI, 1978), as falas dos sujeitos foram analisadas em aproximação com a perspectiva dos Gêneros do Discurso do Círculo de Bakhtin (2016), compreendido como tipos relativamente estáveis de enunciados discursivos, presentes em diferentes campos de utilização da língua.

Nesse cenário, destacamos os gêneros discursivos primários, considerados como mais simples, formados em condições de comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2016), contemplados na pesquisa pelos enunciados discursivos compartilhados em diálogos do cotidiano pelas crianças nas relações raciais na escola.

As crianças negras se apresentam como sujeitos do discurso, ora ouvintes, ora falantes, que constroem e reconstróem enunciados na comunicação discursiva. Bakhtin (2016) aponta que há três elementos que compõem o conjunto do enunciado e determinam a especificidade da comunicação discursiva, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Neste estudo, o conteúdo temático diz respeito aos enunciados referentes a cor da pele compartilhados nas relações raciais; o estilo das crianças são diversos, pelas culturas que integram, todavia, estão direcionadas as noções sobre a cor; a construção composicional se refere as palavras e orações utilizadas na comunicação discursiva, baseada na singularidade e na coletividade.

Assim, a Figura 1 apresenta o campo representacional estruturante da pesquisa.

Figura 1 – Campo representacional da pesquisa



Fonte: Baseado na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e Gêneros do Discurso em Bakhtin (2016).

O campo representacional se fundamenta na tridimensionalidade da informação sobre a cor da pele, na imagem constituída por sentidos e significados sobre a cor nas relações raciais, além da atitude por meio de práticas sociais baseada em representações sociais sobre a cor da pele. Simultaneamente, as crianças são entendidas como sujeitos do discurso, em que os gêneros discursivos primários estão dispostos em forma de diálogos do cotidiano realizados no contexto escolar, possibilitando uma comunicação discursiva pautada na responsividade que envolve a elaboração e partilha de enunciados discursivos, singulares pelo estilo, construção composicional e temáticas que emergem.

3 Resultados e Discussão

O fenômeno das representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele oportuniza a apreensão de práticas e discursos nas relações raciais tecidas no contexto escolar.

Conforme Moscovici (1978), as interações sociais possibilitam a partilha de saberes do senso comum sobre determinado objeto de representação, estando conscritas informações, sentidos a partir de imagens e atitudes comunicadas nas práticas sociais.

As representações sociais em diferentes contextos possibilitam a problematização e reflexão da cor da pele em diálogos cotidianos, por meio da compreensão das relações raciais e dinâmicas sociais na escolarização e em grupos sociais. Segundo Bakhtin (2011), por meio de diálogos e partilha de sentidos e significados, os sujeitos respondem ativamente ao que foi comunicado nas interações, em discursos subsequentes e condutas de enunciadores e ouvintes.

Outros grupos sociais exercem influência nas representações sociais das crianças e contribuem para elaboração de interpretações de fenômenos e situações do cotidiano. Tais ponderações foram percebidas em relatos sobre terem presenciado apelidos direcionados a si ou outras pessoas, por conta da cor da pele:

Rafael: Eu já fui. Eu estava brincando com meu colega, aí um colega do amigo do meu colega, falou que a cor da minha pele era feia. Passou assim de bicicleta, quando passou lá 'pro' [bairro] Trevo. (Diário de Campo, 2019).

Visualizamos a presença do estereótipo racial *feito*, na qual a criança que descreve a situação é considerada como inferior. O racismo marca as vivências da criança negra, que internaliza tal violência, causando prejuízos sociais e psicológicos para sua socialização, assim como assimetrias na identificação racial, se distanciando do grupo social que participa.

Para Guimarães (1999, p.260) o “[...] o racismo é uma forma de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”. Neste sentido, Santos (2014) afirma que é essencial o processo de desnaturalização do racismo, pois a manutenção do padrão de desigualdade racial no Brasil compromete qualquer projeto de desenvolvimento sustentável de sociedade.

Desse modo, relaciona-se com a seleção de grupos-alvo pela distinção, segregação, tratamento diferenciado, atitudes agressivas e violência moral ou simbólica por meio inequidade de direitos ou de acesso a bens culturais, que reforçam a “prática do racismo e a efetivação do preconceito” (MUNANGA; GOMES, 2016, p.184). De acordo com Guimarães (2012, p.52), aspectos como “[...] marcas de cor, ou a cultura, podem mesmo ser consideradas fatos objetivos, ou seja, visíveis a todos e descritos a partir de seu exterior”, tidos por grupos segregacionistas como algo ruim.

Os estereótipos raciais, enquanto caminho de degradação moral de outrem, se apresenta como representação social negativa que ocasiona problemas nas relações raciais das crianças negras, influenciando no autoconhecimento e percepção da cor da pele. Os sentidos das representações sociais se apresentam como caminhos de produção de discursos, acentuando especificidades individuais e coletivas

sobre determinado objeto (JODELET, 2015).

As crianças presenciam outros discursos no convívio social e ancoram sentidos e significados sobre as relações raciais, de modo a objetivar imagens e enunciados sobre negros e brancos em sociedade. Um dos discursos dos participantes explicita essa representação social:

Douglas: Meu primo de segundo grau, o Henrique, ele é moreno, né! *Nós íamos saindo lá da casa da minha tia Neném. Aí, não sei quem gritou: ‘Ei negão de branco. Negão de branco’.* / Pesquisador: O que seria esse ‘Negão de Branco’? / Douglas: Um negão vestido de branco. (Diário de Campo, 2019).

A objetivação dessa representação expressa o preconceito racial pelo termo *negão* seguido do adjetivo *vestido de branco*, ocasionando tristeza e estigmatização do outro. Além disso, observa-se que a criança percebe esse enunciado como algo negativo, ancorando a negação da cor diante outras representações sociais, que evidenciam o branco como melhor.

A sociedade brasileira se constituiu em torno da negação de preconceitos e discriminações em diferentes esferas sociais, reforçando o mito da democracia racial (GOMES, 2005). Ainda, a autora afirma que os negros vivem uma desigualdade racial profunda em todos os níveis quando comparados a outros segmentos raciais do país, principalmente por práticas sutis de racismo e marcas sociais por motivo de cor de pele.

Em outro diálogo, Rafael faz um novo relato sobre o que considerou um apelido direcionado a sua irmã:

Rafael: Já falaram para minha irmã, Jenifer, de preta. Lá na escola dela. Pesquisador: Foi agressiva a forma como a pessoa falou? / Rafael: Acho que não porque não estudo lá na [escola] Argentina Pereira (Diário de Campo, 2019).

A informação desse enunciado apresenta o termo *preta* como apelido, uma vez que a noção acerca da cor da pele varia entre *marrom claro* e *marrom escuro*, conforme autocategorização racial, bem como percebemos a dúvida da criança sobre o teor pejorativo da palavra direcionada a irmã, uma vez não frequenta a respectiva escola. Desse modo, o sujeito expressa um enunciado particular, elaborado a partir de uma enunciação comunicada por outro sujeito do discurso (BAKHTIN, 2016), que possibilitou a criança a elaboração de novos significados sobre o negro nas relações raciais, revelada nos diálogos do cotidiano escolar.

No campo das representações sociais, as relações raciais constituem padrões discursivos e atitudinais comunicados pelas crianças negras nas falas, percepções e ideias sobre objetos sociais, no caso a cor. Moscovici (2015) pontua que nossas criações, em plano ideal e material, são referenciais que se distinguem de quaisquer concepções dos outros, sendo modificadas ao decorrer das interações sociais.

No cotidiano escolar, as crianças brincam e dialogam sobre assuntos familiares, escolares, comunitários, recreação em casa, expressando diferentes espaços formativos que são participantes e contribuem culturalmente. No momento do recreio elas se alimentam, brincam e conversam, não sendo

observadas discriminações ou exclusão por motivo de cor de pele.

Os brinquedos e as brincadeiras estão presentes em diversos momentos no cotidiano escolar, na qual integra “[...] a experiência de reconhecimento de si e do outro no mundo. Esta reciprocidade realiza a aprendizagem que irá coordenar, sintetizar, relacionar diferentes concepções” (LIMA, 2010, p.87). Essas dimensões perpassam as relações raciais, percebidos modos de interação dos sujeitos com os objetos, pelos quais contribuem na formação de ancoragens (sentidos) e objetivações (imagens), por meio da informação sobre a cor.

No contexto escolar observamos situações referentes à cor da pele, em que as crianças atribuem características por meio das representações sociais e enunciados discursivos, estabelecendo atitudes individuais e coletivas. Desse modo, destacamos três acontecimentos a partir da noção de cor: brincadeira polícia-ladrão, brincadeira com boneca branca e prática racista no cotidiano escolar.

Na brincadeira polícia-ladrão, durante a aula, três crianças negras simulam uma situação de assalto, imitando sons de tiros, bem como de motociclistas que cometiam o crime e de um policial, que apontava uma arma e atirava contra eles para os prenderem. Esse relato visa estabelecer uma relação entre a brincadeira e a realidade social, trilhando a percepção das crianças sobre a problemática da violência, presente nas práticas sociais e nas mídias digitais, conforme apontado por Barbosa (2015, p.192): “No cotidiano da vida social brasileira, assistimos constantemente estampados em manchetes jornalísticas [...] ao aumento sucessivo dos números da violência e (in)tolerância contra a população negra pobre brasileira [...]”.

Os retratos da violência contra a população negra, presentes nas relações raciais das crianças negras, surgem a partir de representações sociais comunicadas em atitudes em grupos. Os sentidos e significados da violência contra os negros (as) expressam o racismo em diferentes esferas sociais que, quando não combatido, reforçam a discriminação racial no senso comum.

Assim, compele valores negativos de diferentes graus, a depender das experiências grupais e ideias logradas socialmente (MOSCOVICI, 1978). Dessa forma, as representações sociais negativas sobre negros(as) no Brasil são mais atenuantes no não reconhecimento de sua contribuição, colocando-o na posição de estigmatizado e estereotipado de pejorativamente.

Na brincadeira com boneca branca, uma criança, do sexo feminino, com tez da pele branca, trouxe uma boneca de cor branca e começa a brincar, acariciando o cabelo liso e loiro do brinquedo. Enquanto isso, outras meninas se aproximam e questionam onde comprou e quanto custou, demonstrando interesse por considerá-la bonita. Essa enunciação possibilita refletir as imagens construídas sobre o branco e o negro, estereótipos da cor e traços físicos.

Observa-se que esse brinquedo desperta o interesse das

crianças, por ser considerada como bela em aproximação ao perfil racial ideal, presente em suas constituições como sujeitos e em identidades elaboradas no cotidiano. De acordo com Cavalleiro (2017, p.19), “a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo”, compartilhado entre outras crianças e justapondo a pertença ou exclusão de outrem, ancorado e objetivado pelo grupo social.

Desse modo, as situações supracitadas revelam saberes que são partilhadas pelas crianças negras em seus diferentes contextos, vivências cotidianas e experiências, em que a escola se apresenta como lugar plural e de encontro de diferentes significados sobre fenômenos sociais, pela riqueza de representações sociais e diálogos. Para Bakhtin (2016), em cada enunciado discursivo abrangemos, sentimos e respondemos a intenção discursiva do falante, que determina a totalidade do enunciado e suas fronteiras, para alternância dos sujeitos.

Pela escola ser espaço para apreensão do jogo de representações, ocorrem interações que “[...] vão ter um efeito sobre o modo como os sujeitos se situam relativamente aos discursos que circulam no espaço social e sua apropriação” (JODELET, 2015, p.63), pelos quais estão concentrados diversos diálogos e identidades, formuladas a partir de objetos de representação.

Os enunciados discursivos das crianças negras no espaço escolar podem expressar situações de inferiorização e preconceito racial, que causam diminuição da autoestima e problemas para a construção identitária de si e do outro. De acordo com Ianni (2004, p.23):

[...] o traço, a característica ou marca fenotípica transfigura-se em estigma. Estigma esse que se insere e se impregna nos comportamentos e subjetividades, formas de sociabilidades e jogos de forças sociais, como se fosse natural [...].

Na observação, surgiu uma situação de prática racista no cotidiano escolar, durante uma atividade de resolução de exercícios. Um dos participantes, Felipe, faz o exercício para Sérgio, que não conseguia realizar uma das questões; então, Marcos se vira para Felipe e diz: “Não faz o trabalho ‘pra’ ele, chocolate. Não faz, chocolate!”, palavras enunciadas com agressividade. Para além, três comportamentos foram percebidos durante a situação: as crianças envolvidas são negras; Felipe não verbaliza quaisquer reações para Paulo, mantendo semblante triste; Sérgio se comporta com indiferença diante o acontecido, como se fosse algo normal.

Esse acontecimento revela por meio de discursos e atitudes as práticas de racismo velado, assim como preconceito e discriminação racial, em que apresenta xingamento pela cor da pele e estigmatização, gerando nela desconforto e tristeza. Considera-se o preconceito racial como uma predisposição de valores, atitudes e discursos constituídos no pensamento em relação a alguém de outra tez de pele, de modo a efetivar

caminhos para a prática do racismo.

As origens do preconceito e discriminação por motivo de cor em comportamentos dos sujeitos nos grupos sociais são diversas, destacando-se os pilares de elaboração dessas práticas as “[...] características pessoais – discernimento insuficiente, desvios de personalidade – ou situação social – e coerção de grupos de referência – explicam por que certos indivíduos são atraídos por discursos de ódio e preconceito” (GUIMARÃES, 2012, p.49).

O racismo entre as crianças negras no contexto escolar pesquisado ocasiona o silenciamento e invisibilidade do outro, assim como a não percepção de sua cor de maneira positiva. Munanga (2014), ao comparar práticas discriminatórias com um *iceberg*, diz que na ponta estariam os elementos observáveis por meio de comportamentos sociais e individuais e a parte submersa, subjetiva, corresponde aos preconceitos raciais não manifestos e as consequências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas.

Os efeitos do racismo e discriminação racial na elaboração de representações sociais influencia nas imagens de si e do outro, materializados nas relações raciais das crianças negras por meio de atitudes de enfrentamento ou observação passiva dessas práticas, como Sérgio quando demonstra normalidade diante a inferiorização de outro colega por causa da cor.

Nesse contexto, o sentido projetado ao negro é negativo, com atitude pejorativa no tocante ao comportamento agressivo por causa da cor, assim como o velar de outra criança diante o preconceito racial. Revela-se uma representação social que reproduz práticas racistas presentes na sociedade, que persiste desde o período colonial brasileiro, mesmo com movimentos sociais negros, intelectuais, entre outros que enfrentam esta ideologia.

Segundo Vala (2015), isso ocorre pelo racismo e preconceito racial estarem no pensamento social de grupos e instituições sociais, exprimindo uma posição individual em relação ao coletivo, ainda que tal posição seja consensual diante pressões normativas. Assim, urge a necessidade de ações de enfrentamento a essas questões no cotidiano escolar, para que haja valorização das crianças negras em saberes escolares e sociais. O exercício de observação e escuta das crianças no ambiente de interações propicia um olhar reflexivo sobre as representações elaboradas por elas, nas quais expressarem problemáticas sociais.

No Quadro 2, apresentamos as ancoragens e objetivações no tocante as representações sociais das crianças negras sobre a cor da pele nas relações raciais em contexto escolar.

Quadro 2 – Ancoragem e objetivação a respeito das representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele nas relações raciais em contexto escolar

Representação Social	Ancoragem	Objetivação
Representação social negativa sobre a cor nas relações raciais	Sentidos das crianças sobre a cor da pele própria e do outro	Estereótipos sobre a cor da pele; inferiorização do negro; racismo.
Representação social positiva sobre a cor nas relações raciais	Possibilidade de enfrentamento as práticas racistas	Problematização de situações de racismo entre as crianças; promoção do antirracismo no contexto escolar.

Fonte: dados da pesquisa.

Observamos representações sociais negativas e positivas sobre a cor em relações raciais das crianças no espaço escolar. Na ancoragem, a respeito dos sentidos das crianças sobre a cor da pele, estão objetivados estereótipos, inferiorização do negro e práticas racistas entre as crianças. A partir desses fenômenos, surge a possibilidade de enfrentamento ao racismo, pela promoção de atividades que problematizem as práticas racistas no cotidiano escolar e nas vivências, para desenvolvimento do antirracismo e construção de identidades positivas e relações respeitadas.

4 Conclusão

Esta pesquisa propôs investigar as representações sociais de crianças negras sobre a cor da pele em relações raciais do contexto escolar. As crianças negras comunicam informações, imagens e atitudes acerca da cor nas interações sociais cotidianas, em que percepções sobre negros e brancos na sociedade são comunicados nas relações raciais, a partir de enunciados discursivos e comportamentos diante o objeto de representação.

Nessa perspectiva, as interações das crianças no contexto escolar revelam práticas raciais diversas, em parte voltada à discriminação racial, estigmatização e racismo, presentes nos relatos e comportamentos no cotidiano. Desvela-se a reprodução do racismo, que causam problemas para elaboração de representações sociais positivas sobre o negro e relações raciais que promovam a equidade educacional e social das crianças.

Em síntese, as representações sociais de crianças sobre a cor nas relações raciais apresentam a informação acerca das relações de cor no contexto escolar, baseados em ludicidades e acontecimentos do cotidiano social, estabelecendo imagem a respeito de estereótipos sobre a cor da pele de negros e brancos, assim como inferiorização do negro que configura o racismo existente na sociedade, por meio de atitudes em torno de práticas racistas, estigmatização e xingamento racial entre as crianças.

Portanto, as representações sociais influenciam nas atitudes que compartilham no contexto escolar e nos grupos sociais, seja na categorização racial, atribuição de sentidos e

significados ao outro ou práticas sociais acerca da cor. Sendo assim, faz-se necessário práticas formativas que promovam as crianças negras a valorização, o reconhecimento e a construção positiva de representações e discursos sobre a cor da pele nas relações raciais.

Referências

- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. *Rev. Bras. Educ.*, n.23, p.62-74, 2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200005>.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.
- BARBOSA, P. A violência contra a população de negros/as pobres no Brasil e algumas reflexões sobre o problema. *Cad. Campo*, v.1, n.19, p.185-198, 2015.
- BRASIL. *Programa Mais Cultura nas Escolas*: manual de desenvolvimento de atividades. Brasília: MEC, 2014.
- CAVALLEIRO, E.S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In. MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.51-66.
- FAZZI, R.C. *O drama racial de crianças brasileiras*: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, N.L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In. BRASIL. *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, SECAD, 2005. p.39-62.
- GOMES, N.L.; MUNANGA, K. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2016.
- GUIMARÃES, A.S.A. *Preconceito racial*: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2012.
- GUIMARÃES, A.S.A. Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cad. Campo*, n.20, p.265-271, 2011.
- IANNI, O. Dialética das relações raciais. *Estud. Avan.*, v.18, n.50, p.21-30, 2004. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003>.
- JODELET, D. O encontro dos saberes. In. JESUÍNO, J.C.; MENDES, F.R.P.; LOPES, M.J. *As representações sociais nas sociedades de mudança*. Petrópolis: Vozes, 2015. p.59-79.
- LIMA, H.P. A percepção das relações raciais na Educação Infantil. In. BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A.L. *Modos de brincar*: cadernos de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.87-90.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MUNANGA, K. Prefácio. In. CARONE, I.; BENTO, M.A.S. *Psicologia social do racismo*: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014. p.10-11.
- SANTOS, R. A. *Ciclo de política curricular do Estado do Pará (2008-2012)*: a enunciação discursiva sobre relações "raciais". 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/6220>.
- SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- VALA, J. Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. In. JESUÍNO, J.C.; MENDES, F.R.P.; LOPES, M.J. *As representações sociais nas sociedades de mudança*. Petrópolis: Vozes, 2015. p.153-183.